



Franzé Ribeiro

INOXIDÁVEIS

A história do MOVIMENTO que ocupou a Praça dos Três Poderes em defesa da DEMOCRACIA.

Direitos autorais
original © 2022 Franzé Ribeiro
© Fundação Perseu Abramo
Todos os direitos reservados.

Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

Diretoria

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vívian Farias

Diretores: Elen Coutinho, Naiara Raiol, Alberto Cantalice, Artur Henrique, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar, Valter Pomar, Virgílio Guimarães

Conselho editorial

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis, Conceição Evaristo, Dainis Karepovs, Emir Sader, Hamilton Pereira, Laís Abramo, Luiz Dulci, Macaé Evaristo, Marcio Meira, Maria Rita Kehl, Marisa Midori, Rita Sipahi, Silvio Almeida, Tássia Rabelo, Valter Silvério

Coordenador editorial

Rogério Chaves

Assistente editorial

Raquel Costa

Diagramação e capa

Antonio Kehl

Fotografias

Ricardo Stuckert (imagens com Lula).

Demais imagens foram gentilmente cedidas por Camila Cunha, Fabiano Leitão, Pedro Rodrigues e Raimundo Nonato, de seus acervos pessoais.

Ribeiro, Franzé

F917 Inoxidáveis : a história do movimento que ocupou a Praça dos Três Poderes em defesa da democracia [livro eletrônico] / São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2024.

55 p.

ISBN 978-65-5626-155-3

1. Golpe de 2016 2. Dilma Roussef 3. Campanha Lula
Livro 4. Resistência popular I. Título

Fundação Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana
04117-091 São Paulo – SP
Fone: (11) 5571 4299
www.fpabramo.org.br

Sumário

Nota do autor	5
1. Defesa do governo Dilma, Lula e da Democracia ...	8
2. A luta contra o golpe de 2016	16
3. Lula Livre e Fora Bolsonaro	23
4. Lula Livre com processos anulados	32
5. Resistência, Solidariedade e Oração na Praça...40	
6. Movimento inspirador.....	48
7. Inoxidáveis.....	56

Nota do autor

Quando fui provocado pelo então secretário de Comunicação do PT-DF, Jacques Pena, para escrever sobre a história dos “Inoxidáveis”, aceitei de imediato. Enxerguei a possibilidade de contribuir com o meu trabalho para que novos movimentos se inspirassem de duas maneiras: primeiro, que a luta é constante e precisamos estar sempre preparados para enfrentar as derrotas, pois a realidade é cíclica. A história mostra que aos avanços sucedem recuos, para, depois, novos avanços serem conquistados.

Segundo, que é extremamente necessário contar as histórias dos inúmeros movimentos políticos e populares na luta das mulheres, dos estudantes, dos negros, dos LGBTQIA+, dos povos indígenas, dos ambientalistas, dos trabalhadores (as) e por aí vai. O movimento progressista precisa registrar o que faz, se orgulhar da luta e inspirar novas gerações.

Para escrever sobre os Inoxidáveis, realizei dez entrevistas com os militantes e uma série de pesquisas documentais na internet. Como o tempo decorreu alguns anos, a memória pode não guardar a precisão exata de fatos e datas como todos gostariam. Busquei

checar as informações e fazer a aproximação possível. No entanto, caso haja alguma incorreção, imprecisão ou mesmo ausência de fatos relevantes, a culpa é inteiramente deste autor.

A ideia inicial era produzir uma série de matérias sobre o tema. Depois, o livro surgiu como possibilidade de disponibilizar as informações para um público maior. A série de seis matérias foi publicada, em episódios semanais, no site do PT-DF, nos meses de novembro e dezembro de 2021. Os textos foram atualizados, ilustrados e ajustados, com acréscimos, e, agora, compõem este livro, gentilmente publicado pela Fundação Perseu Abramo, em 2024.

Eleito presidente da República, em 2022, e no exercício pleno do mandato, Lula demonstra vitalidade na atuação regional, nacional e nos diversos fóruns globais de decisão. Tem postura respeitada e reconhecida como líder mundial, expressando elevada capacidade em oferecer soluções para variados temas da atualidade: combate à fome, sustentabilidade ambiental, respeito à autodeterminação dos povos, fortalecimento das democracias e a busca pela paz mundial.

No Brasil, realiza um trabalho relevante na reconstrução do país, na redução das desigualdades, na valorização da ciência, na disseminação de ideias que buscam unir o povo brasileiro, nas diversidades socioculturais. É um incansável defensor da democracia. É expressivo o seu esforço para agregar as instituições em torno do fortalecimento da pauta democrática, na preservação do legado constitucional, na definição de propostas que possam desenvolver o país de uma forma inclusiva, com geração de emprego e renda para todos.

Essa postura, ao mesmo tempo, ativa, altiva assertiva, leve e propositiva, repleta de humanidade e de solidariedade social, de-

monstra que toda a luta empreendida pelos diversos movimentos sociais em todo o país não foi em vão. Lula vale a luta!

O seu exemplo impõe à responsabilidade partidária a formação perene de novas lideranças capazes de levar adiante o projeto de nação pelo qual foi criado o Partido dos Trabalhadores, onde mais da metade dos eleitores brasileiros depositaram suas esperanças em cinco eleições presidenciais vitoriosas.

Por isso, faço meu agradecimento ao secretário Jacques Pena e ao presidente do PT-DF, Jacy Afonso, pelo convite. Eles me deram a oportunidade de conhecer a importância política desse movimento chamado “Inoxidáveis”.

A você, que me acompanha nessa história, expresso um único desejo – inspire-se e expanda esse sentimento para o coletivo do qual faz parte.

Um abraço fraterno.

Franzé Ribeiro

1

Defesa do governo Dilma, Lula e da Democracia

Em 2022, no sexto ano após o golpe parlamentar, jurídico e midiático de 2016, que destituiu a presidenta Dilma Rousseff (PT) do poder central, o país estava irreconhecível. Havia terminado o governo Michel Temer, personagem importante na conspiração golpista; e Jair Bolsonaro exercia o último ano de mandato presidencial. Era evidente que o país descera a ladeira íngreme de um pesadelo que parecia sem fim. Bolsonaro movimentava-se para manter o poder a qualquer custo. Seja por artimanhas eleitorais que lhe dessem maioria de votos ou mesmo por um golpe militar, cujo apoio não obteve.

O Brasil se tornara autoritário, isolado internacionalmente e em estado de crise econômica permanente. Desemprego, fome, miséria e carestia voltaram a ocupar as manchetes dos veículos de imprensa. Além das demandas sociais urgentes, a democracia atacada pedia para ficar. Sendo um bem fundamental para manter as garantias que emergiram da Constituição Federal de 1988, a democracia pleiteava milhões de votos para ser fortalecida.

Diante das adversidades, desse caldo social, ao mesmo tempo intrigante, instigante e desafiador, havia luz no fim do túnel, um

farol com nome e sobrenome: Luiz Inácio Lula da Silva. O retorno de Lula à cena política distribuiu esperança para uma audiência cada vez mais atenta e que nas eleições presidenciais depositou sua confiança nas urnas e o fez retornar ao cargo mais elevado do serviço público brasileiro – a Presidência da República.

Existem muitos protagonistas dessa história: pessoas comuns, autoridades, movimentos coletivos, populares e de base. Grupos resistentes, resilientes e dispostos a cerrar fileiras de luta quando tudo parece perdido. Um exemplo dessa fortaleza é o movimento denominado, carinhosamente, de “inoxidáveis”, criado no Distrito Federal quando havia cheiro de golpe no ar, exalado pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (MDB-RJ), em conluio com o candidato derrotado nas eleições de 2014, Aécio Neves (PSDB-MG). O local de encontro dos inoxidáveis não poderia ser mais emblemático: a Praça dos Três Poderes, transformada em espaço de solidariedade a então presidenta Dilma Rousseff. O movimento seguiu forte após o golpe consumado, em protesto contra o governo de Michel Temer e suas medidas neoliberais, pelo Lula Livre, pelo Fora Bolsonaro e, sempre, desde o início, na defesa intransigente da democracia. Essa jovem senhora que não prescinde da atenção e do amparo das instituições e, especialmente, do poder indispensável do povo e dos movimentos sociais.

Contar a trajetória dos “Inoxidáveis” é rememorar a história recente do Brasil e, conseqüentemente, adentrar na dor e no sofrimento de muitos brasileiros e brasileiras, após a retirada do Partido dos Trabalhadores da Presidência da República, em 2016. Para que isso fosse possível, foram realizadas dez entrevistas com os pioneiros – o que significou montar uma espécie de quebra-cabeças, tendo em vista que a memória de tantos dias de lutas

se confunde à medida que o tempo passa. Na verdade, os Inoxidáveis são militantes que sempre estiveram à frente das mais variadas lutas do Partido dos Trabalhadores, alguns desde a defesa da anistia aos presos políticos da ditadura militar de 1964. Eles têm experiência de Brasil, já viveram muitos altos e baixos, defenderam suas ideias nas instâncias partidárias, participaram de momentos históricos como as “Diretas já”, das reivindicações e greves do movimento sindical, dos avanços nos governos petistas, tanto na Presidência da República quanto em estados, municípios e Distrito Federal. Como se diz, estão calejados na luta por melhorias sociais, pelo desenvolvimento do país, sempre considerando a necessidade de incluir no orçamento e nas políticas públicas os que mais precisam. Quando questionados, eles se denominam militantes de base na estrutura partidária.

A origem desse movimento começou assim, com as manifestações de junho de 2013, quando os protestos na cidade de São Paulo, contra o aumento de vinte centavos na passagem de ônibus, foi capturado pela elite financeira, empresarial e midiática. Neles, acendeu a luz amarela quando os protestos paulistas foram instrumentalizados pela mídia, liderada pelas organizações Globo, para se tornar um movimento nacional, visando atingir o governo Dilma Rousseff. A partir disso, a movimentação cresceu e chegou até Brasília, na Esplanada dos Ministérios, atendendo à convocação da mídia.

No dia 20 de junho daquele ano, a TV Globo chegou a suspender toda sua grade de programação a partir das 16 horas para “ajudar” na convocação dos atos, numa cobertura tão inédita quanto vergonhosa. A programação só voltou ao normal às 21h20, com a exibição de sua última novela. Foi então que um grupo de militantes que atuava no governo federal começou a se

organizar, fora do horário de trabalho, para discutir as investidas da elite contra o governo popular. “Nos encontrávamos no almoço e no final do expediente e começamos a fazer caminhada nos ministérios”, explica Benoni Dias Covatti, filiado ao PT, desde 1981, e que já ocupou diversas funções públicas no Executivo e no Legislativo. Eles sabiam que todo aquele alvoroço da mídia tinha como interesse impedir a reeleição de Dilma no ano seguinte. No entanto, ao contrário do que esperavam, o povo brasileiro renovou sua confiança no Partido dos Trabalhadores com o quarto mandato presidencial. Dilma Rousseff foi reeleita com 54,5 milhões de votos.

Logo após a posse da presidenta, em 2015, começaram os movimentos pela derrubada do governo. Na verdade, o candidato derrotado Aécio Neves questionou o resultado eleitoral ainda em 2014, com a finalidade de impedir a diplomação da candidata eleita. Os militantes que ocupavam cargos na Presidência da República, na Esplanada dos Ministérios e no Governo do Distrito Federal (GDF) continuaram se encontrando no final do expediente para realizar ações pela democracia.

O servidor público aposentado pelo GDF, Orlando Ribeiro, lembra que o grupo participou do primeiro ato “Não vai ter golpe”, organizado pela CUT, UNE e MST no dia 13 de março de 2015, em defesa da Petrobras, dos direitos trabalhistas e da democracia. Houve uma caminhada pela Esplanada dos Ministérios que reuniu mais de cinco mil pessoas, conforme estimou a Central, até a rodoviária do Plano Piloto onde foram realizadas ações para denunciar à população o que estava ocorrendo. Atos semelhantes foram realizados em outras 24 unidades da federação.

Segundo relatos dos Inoxidáveis, nos meses de agosto a novembro de 2015, antes mesmo da abertura do processo de

impeachment pela Câmara dos Deputados, o grupo, composto por homens e mulheres, começou a realizar atos na Praça dos Três Poderes. Nesse período, as pessoas se reuniram para traçar estratégias e discutir como ampliar a luta no Distrito Federal.

A ideia era expandir o movimento para além da esfera petista, agregando ativistas de outros partidos ou mesmo cidadãos e cidadãs independentes, com disponibilidade para a luta. Decidiram que seria preciso criar o Núcleo em Defesa da Democracia (NDD) – uma organização suprapartidária, que fosse capaz de agregar mais pessoas de diversas correntes. Segundo Raimundo Nonato, presidente do PT no Cruzeiro (uma das 31 regiões administrativas do DF) e coordenador do NDD, “nossa luta inicial era manter a presidenta Dilma Rousseff no exercício pleno da Presidência da República para o qual foi eleita pelo voto livre, direto e soberano dos brasileiros”.

No dia 2 de dezembro de 2015, quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, aceitou o processo de impeachment patrocinado pelo PSDB, as articulações do NDD se intensificaram. No início de 2016, passou a se chamar Núcleo em Defesa da Democracia Margarida Alves, em homenagem à líder sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Alagoa Grande (PB), assassinada por fazendeiros, em 1983, e que deu origem à Marcha das Margaridas, organizada anualmente pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag).

As primeiras reuniões oficiais do NDD Margarida Alves ocorreram em março de 2016, 45 dias antes do fatídico domingo (17/4) em que os deputados e deputadas autorizaram o prosseguimento do processo de impeachment. Mais de 70 pessoas participaram da plenária do NDD, realizada na Sede do PT Nacional, em Brasília, tendo em vista que a estrutura do PT-DF não comportava esse nú-

mero de pessoas. Essa foi a segunda e última reunião em espaço coberto. Os participantes decidiram que, a partir dali, todas as reuniões ocorreriam em espaço aberto, neutro, que pudesse ter visibilidade e arregimentar mais e mais pessoas na luta pela democracia.

As reuniões e atos públicos passaram a ocorrer, às segundas-feiras, na Praça dos Três Poderes, após o expediente – de 18 às 20 horas. Uma das fundadoras do PT-DF, a professora Fátima de Deus, disse que a ideia era reunir os manifestantes na “boquinha da noite” – horário mais adequado para fazer chegar a mensagem ao maior número de trabalhadores que saíam dos ministérios, em ônibus lotados. “A gente não tinha recursos, usávamos a nossa própria voz, produzíamos nossas faixas e cartazes”, conta.

De frente para o Palácio do Planalto, durante o processo de impeachment, os manifestantes ergueram as bandeiras do PT e abriram faixas para todos os carros e ônibus que trafegavam nas imediações. A palavra de ordem era “Não vai ter golpe”, largamente expressada pelos participantes. Havia um sentimento de revolta e de tristeza por tudo que estava acontecendo no Congresso Nacional – onde outra forte batalha ocorria nos meandros institucionais. No entanto, havia também uma vinculação solidária com a presidenta Dilma Rousseff, injustamente acusada por um crime que não cometeu.



Os encontros na Praça começaram antes do processo do impeachment, registro de novembro de 2015.



Vigília contra Temer golpista, em agosto de 2016.



Os Inoxidáveis, em fevereiro de 2015.



Ato em defesa da presidenta Dilma, em 4 /4/2016.



Manifestação por Lula Livre, em 17/10/2019.

2

A luta contra o golpe de 2016

A Praça dos Três Poderes pulsava. Não exatamente como previu o arquiteto Lúcio Costa quando enviou os projetos para avaliação do concurso nacional que viria a decidir por aquela arquitetura inovadora. Ele pensou na autonomia e no equilíbrio dos três poderes. Projetou um triângulo equilátero, onde o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal representavam a base do triângulo e o Congresso Nacional, o seu ápice. Mas, agora, a Praça dos Três Poderes pulsava pela presença dos Inoxidáveis – militantes, ativistas e apoiadores da democracia. O Núcleo em Defesa da Democracia Margarida Alves (NDD) passou a ocupar a praça todas as segundas-feiras, a partir de março de 2016, das 18 às 20 horas, juntamente com os demais coletivos, como o Núcleo de Base Marisa Letícia do Congresso Nacional, Rosas pela Democracia e Mulheres com Luta pela Democracia. Debaixo de sol ou chuva, com frio ou calor, eles e elas estavam lá, demarcando terreno, empunhando as bandeiras, gritando palavras de ordem, opondo-se ao golpe parlamentar, midiático e jurídico.

Diante dos ônibus que trafegavam na via, lotados de trabalhadores e trabalhadoras, havia dezenas de gritos “não vai ter golpe;

vai ter luta!”. A presença militante de cada um não foi tranquila porque o embate foi sempre muito duro com as ruas. Afinal, o oligopólio da mídia batia no governo petista e no partido, dia sim e no outro também. Os manifestantes tinham a consciência de que a vida não seria fácil na Praça dos Três Poderes. Os xingamentos eram constantes. Mas também havia momentos de satisfação, quando alguém os aplaudia, gritava palavras de incentivo, sinalizava com a mão e buzinava, de dentro dos automóveis, na avenida. Para cada xingamento, havia uma resposta pronta. E a cada apoio, uma chama de esperança que rendia alegria e gratidão.

O coordenador do NDD Margarida Alves, Raimundo Nonato, relembra as atividades realizadas na praça e a participação dos Inoxidáveis nas grandes manifestações realizadas no DF. “Organizamos rodas de conversa, vigílias culturais e comemorações de datas importantes. Apoiamos e estivemos presentes em todos os atos democráticos, organizados pelos movimentos: sociais, indígenas, mulheres, negros, além da Marcha das Margaridas e da Greve Geral”, diz.

Após as duas primeiras reuniões no espaço coberto da sede do PT Nacional em Brasília, o grupo passou a realizar os encontros na praça. Foi lá que surgiram todas as ideias de mobilização. As propostas eram discutidas ao redor de um banco de alvenaria, ao ar livre, e submetidas à votação. Ações que levaram flores para Dilma (Palácio do Planalto), serenata para Dilma (Palácio da Alvorada) e café da manhã na despedida de Dilma foram aprovadas no espaço público da praça. Também foi realizado um culto ecumênico; os manifestantes, munidos de vassouras, escovão e rodo, lavaram a entrada do Supremo Tribunal Federal e assaram traíras, em alusão à conspiração pelo golpe de 2016.

Uma das atividades mais emocionantes foi denominada “Abraço da Democracia – mulheres com Dilma”. Organizado,

inicialmente, pelo Núcleo de Mulheres “Rosas pela Democracia”, que pretendia entregar orquídeas para a presidenta no Palácio do Planalto, a ideia contagiou outros núcleos e precisou ser reformulada.

No dia 19 de abril de 2016, dois dias após o vexame da votação na Câmara dos Deputados, mais de 400 pessoas, a maioria composta por mulheres, compareceram à frente do Palácio do Planalto. Cada pessoa segurava uma flor diferente. A emoção maior foi quando a presidenta Dilma Rousseff desceu a rampa do Palácio e se encontrou com os apoiadores e apoiadoras. Já era início da noite e a cena comovente de abraços, beijos, palavras de carinho e gritos de apoio contagiou Dilma que estava radiante e visivelmente emocionada. As luzes de celulares complementaram a energia do encontro que também contou com o apoio e a participação dos Inoxidáveis.

Além de lutar pela democracia e de denunciar o Golpe de 2016, o NDD Margarida Alves se pautou pela solidariedade. Segundo o presidente do PT-DF, Jacy Afonso, havia um sentimento de que era necessário fortalecer a presidenta. “A gente queria demonstrar para a Dilma que ela não estava só, que estávamos juntos. Muita gente compreendia o que estava acontecendo e se mantinha ao seu lado”, disse. E foi com essa intenção que os Inoxidáveis decidiram realizar uma serenata para a Dilma no Palácio da Alvorada – a residência oficial da Presidência da República. Para Nazaré Brito, secretária de Finanças do PT-DF, foi um momento marcante. “Nos emocionamos muito! Foi uma emoção de gratidão por tudo que ela fez por nós e pelo Brasil. A gente queria acolhê-la, dizer que ela não estava só”, lembra Nazaré. A serenata durou até altas horas e contou com mais de 100 pessoas na frente do Palácio, inclusive artistas que se apresentam nos palcos

de Brasília. Dilma ouviu tudo e acendeu as luzes num gesto de gratidão aos participantes.

Outra atividade importante foi quando descobriram que Dilma se exercitava de bicicleta pela manhã. Os Inoxidáveis organizaram um dia e a acompanharam, pedalando pelas avenidas de Brasília, nas proximidades do Alvorada.

No dia 31 de agosto de 2016, o Senado Federal decidiu derrubar a presidenta Dilma Rousseff, sem que houvesse crime de responsabilidade. A prova de que a decisão fora eminentemente política, sem fato jurídico perfeito que a justificasse, ficou expressa no resultado final. O Senado manteve os direitos políticos da presidenta – fato que demonstra a vergonha de afastar alguém sem culpa, na onda de criminalização da política brasileira, iniciada pela força-tarefa da Lava Jato, coordenada pelo então juiz Sérgio Moro, com apoio da elite brasileira e seus braços institucionais. O ministro do STF, Luís Roberto Barroso, em afirmações publicadas pelo jornal *Folha de S.Paulo* (3/2/2022), confirmou que o motivo real para a derrubada da presidenta foi a “perda de sustentação política”, tendo como justificativa formal o termo “pedaladas fiscais”. Ou seja: embora o ministro da Suprema Corte rejeite a palavra “golpe”, vemos a confirmação de que não havia crime de responsabilidade e, sim, o interesse puro e simples de retirar o Partido dos Trabalhadores do poder central do país.

Em seu discurso de despedida, no Palácio do Planalto, cercada por apoiadores, governadores, ex-ministros e ministras, parlamentares, dirigentes partidários e lideranças populares, Dilma fez questão de dizer, em tom profético:

“O golpe não foi cometido apenas contra mim e contra meu partido. Isto foi apenas o começo. O golpe vai atingir indistintamente qualquer organização política progressista e democráti-

ca. O golpe é contra os movimentos sociais e sindicais, é contra os que lutam por direitos em todas as suas acepções: direito ao trabalho e a proteção das leis trabalhistas; direito a uma aposentadoria justa; direito à terra; direito à educação, à saúde e à cultura; direito aos jovens de protagonizarem a sua história; direito dos negros, dos indígenas, da população LGBTQIA+, das mulheres; direito de se manifestar sem ser reprimido. O golpe é contra o povo e contra a nação. O golpe é misógino. O golpe é homofóbico. O golpe é racista. É a imposição da cultura da intolerância, do preconceito, da violência”, disse Dilma Rousseff, enquanto os Inoxidáveis se postavam na praça – o espaço escolhido para protestar.

Na praça, também decidiram participar do “abraço pela democracia” no dia da saída de Dilma da residência oficial, ocorrida em 6 de setembro de 2016. O evento foi organizado conjuntamente com o Movimento dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) e contou com a participação de muita gente. Os inoxidáveis confeccionaram uma faixa em papel, medindo aproximadamente cinco metros de comprimento por um metro de largura. Durante os dias que precederam à despedida de Dilma, centenas de ativistas e visitantes da vigília na praça, puderam preencher todos os espaços com suas mensagens de carinho, afeto e reconhecimento à presidenta. O documento foi entregue em sua saída do Alvorada, sob a mediação do ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo. Quando a comitiva da ex-presidenta se deslocava para a saída, os Inoxidáveis jogaram pétalas de rosa sobre o carro que conduzia Dilma. E depois se dirigiram à Base Aérea para assistir ao seu embarque para Porto Alegre (RS).

Ao falar sobre esse momento em que a luta parece não valer a pena, Fátima de Deus, uma das fundadoras do PT-DF, disse que

“a consciência de quem somos nós nos manteve firmes. As derrotas não podem servir apenas como frustração. Elas nos energizam para buscar as vitórias. É preciso lembrar daqueles que nos antecederam na luta e seguir em frente”, afirmou.



Vigília na noite anterior à derrubada do governo Dilma, em 30/8/2016.



Ato pede a anulação do golpe, em 21/6/2017.



Núcleo em Defesa da Democracia Margarida Alves, participa dos atos na Esplanada dos Ministérios e pede Lula Livre, em maio de 2019.



Margarida Alves presente nos atos do NDD – registro de março de 2020.

3

Lula Livre e Fora Bolsonaro

A presidenta Dilma Rousseff não podia ter sido mais assertiva em seu último discurso no Palácio do Planalto, no dia 31 de agosto de 2016. As forças políticas, financeiras, empresariais e midiáticas haviam removido a barreira de proteção social, representada pelo governo petista, para impor a mais nociva pauta neoliberal. Com a ascensão do ex-presidente, Michel Temer, à Presidência da República, numa conspiração golpista, o Brasil começou sua descida no precipício. A queda foi tão forte que travou as contas públicas, amarrou todos os gastos sociais, incluído saúde e educação, e arrastou os direitos dos trabalhadores para o ralo.

O cenário ainda viria a piorar com a prisão do ex-presidente Lula, sua interdição eleitoral e a chegada de Jair Bolsonaro ao poder. Com o “mito” no poder, o país virou um pária internacional, o inquilino do Palácio do Planalto assumiu seu interesse em destruir todas as políticas públicas, construídas com sangue, suor, lágrimas e lutas ao longo de décadas, incluída a destruição do meio-ambiente. A economia ruiu e o desemprego aumentou. Não ficou um setor de pé. Como disse a coordenadora do Núcleo de Base Marisa Letícia do Congresso Nacional e integrante do

Núcleo em Defesa da Democracia (NDD), Cláudia Regina, “a gente não teve um dia de tranquilidade. Não teve luto para chorar a nossa luta. A gente precisava continuar nas ruas tentando evitar outras perdas”.

E não houve mesmo tempo para chorar mágoas e ressentimentos. As dores ficaram mais agudas a cada dia, exigindo do NDD Margarida Alves e de diversos outros coletivos do campo progressista uma ação cada vez mais unificada. O então presidente Michel Temer mal sentou na cadeira, ainda no afastamento provisório da presidenta Dilma Rousseff, e já impôs ao país a emenda constitucional do teto de gastos, congelando por até 20 anos as despesas com saúde, educação, saneamento, habitação, cultura, ciência e tecnologia, além dos gastos com proteção e direitos das mulheres, dos negros, dos indígenas, dos LGBTQIA+, dentre outros absurdos.

A reforma trabalhista praticamente acabou com a CLT, extinguiu direitos do povo, aprofundando a precarização do trabalho e criando o regime intermitente - aquele que o trabalhador fica à disposição e recebe pelas horas efetivamente trabalhadas. Isso para ficar em poucos exemplos. O Núcleo em Defesa da Democracia Margarida Alves continuou na Praça dos Três Poderes, enfrentando o governo Michel Temer e discutindo com outras forças democráticas uma forma de unificação da luta.

A deposição do governo Dilma e a ascensão de Temer, com sua pauta retrógrada, não eram as únicas questões a serem enfrentadas pelo campo progressista. A operação Lava Jato, coordenada pelo ex-juiz Sérgio Moro, sentiu-se em plenas condições para continuar subvertendo a lei e perseguindo o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Apenas 14 dias após a deposição do governo Dilma, o procurador Deltan Dallagnol apresentou o conhecido “show” do “power point”, dizendo não ter provas, mas

convicções sobre Lula. E depois de várias investidas de Moro e dos procuradores, Lula foi preso no dia 7 de abril de 2018. Nesse momento, as forças progressistas já haviam se unido na praça, nas grandes manifestações de rua, no entendimento sobre tudo que acontecia no país, desde o golpe de 2016. Foi criado o Comitê Nacional Lula Livre, iniciativa que repercutiu em todos os estados e também no Distrito Federal. No caso do DF, isso ocorreu como consequência do trabalho de articulação, desenvolvido pela coordenadora Maria Fernanda, que exerceu a Presidência da Caixa Econômica Federal no período de 2006 a 2011.

O NDD Margarida Alves recebeu um forte apoio dos partidos de esquerda: PT/DF, PCO, Psol, PCdoB, PCB e Unidade Popular. A interação com a CUT-DF, Sindsep-DF e MST, dentre outras, se aprofundou. E os atos na Praça dos Três Poderes ganharam mais peso. As bancadas petistas no Congresso Nacional e na Câmara Distrital, que já apoiavam o grupo na praça, ficaram mais coesas.

Outros Núcleos de Base passaram a atuar de forma institucional, como foi o caso do Núcleo de Base Marisa Letícia do Congresso Nacional, dos coletivos “Rosas pela Democracia”, e “Mulheres com Lula”. A participação do ex-ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República Gilberto Carvalho ajudou a aglutinar muitas forças e a impulsionar o trabalho do NDD Margarida Alves nas instâncias partidárias e nos diversos coletivos. Nesse período, foram criados os comitês Lula Livre em todo o país.

Além de participar das ações pelo Lula Livre na capital federal, o NDD Margarida Alves manteve presença constante na Praça dos Três Poderes. Com a prisão injusta de Lula, os atos que eram realizados às segundas, mudaram para as quartas-feiras diante do Supremo Tribunal Federal, onde frequentemente a defesa do ex-presidente buscava julgamentos favoráveis.

Essa ideia de realizar a vigília na frente do Supremo, proposta por Gilberto Carvalho, foi imediatamente aceita pelo NDD Margarida Alves e se mostrou acertada. O Sindsep-DF passou a fornecer o som utilizado na praça, semanalmente, amplificando a potência dos discursos, o grito da resistência e o alcance. E a CUT-DF programou as reuniões semanais de seu comitê Lula Livre para as quartas-feiras, antes de sair para as manifestações do NDD, para onde levava propostas a serem discutidas e incorporadas pelo Núcleo em Defesa da Democracia.

Cada vez que havia sessão no STF para julgar a situação do Lula, a praça enchia. Com apoio do Partido dos Trabalhadores e dos diversos coletivos, ocorreram shows, recitais de poesia, performances artísticas. E, sempre, com muita ou pouca gente, os atos semanais na praça eram encerrados com o famoso “boa noite, presidente Lula!”, com a participação especial do Fabiano Leitão (Trompetista).

O NDD Margarida Alves e os demais coletivos organizaram várias caravanas de apoio a Lula para as cidades de Curitiba (duas vezes), Porto Alegre (julgamento no TRF4) e São Bernardo do Campo (recepção a Lula). Em Curitiba, foram realizados atos em frente à sede da Polícia Federal, onde o ex-presidente Lula se encontrava preso, injustamente.

As viagens serviram também para visitar e apoiar o acampamento Marisa Letícia – símbolo mundial de resistência. Em uma das caravanas a Curitiba, a organização levou artistas do DF para o Festival Lula Livre, dentre eles, a orquestra e coral do maestro Joaquim França, que havia gravado o vídeo “Canção pela Libertação”, em setembro de 2019 – uma parceria com o compositor brasileiro Eduardo Rangel.

Lula ficou 580 dias preso na sede da PF de Curitiba. À medida que o tempo se arrastava, ficou mais evidente para a sociedade

brasileira que havia uma perseguição ao ex-presidente, pois em nenhum momento foram apresentadas provas contra ele. Nada de provas, apenas convicções, apesar da extensa devassa, realizada pela Força-Tarefa da Lava Jato na vida de toda a família do ex-presidente, no Brasil e no exterior, durante mais de cinco anos.

Outra questão evidente em tudo que ocorreu foi o objetivo de impedir que Lula concorresse às eleições de 2018. A coincidência das datas entre o golpe de 2016 e o dia em que o Tribunal Superior Eleitoral vetou a candidatura Lula mostra que nada ocorreu por acaso. O julgamento do TSE foi no dia 31 de agosto de 2018, exatamente dois anos após o golpe de 2016. Por 6 a 1, o TSE vetou a candidatura de Lula – afastá-lo da política era um dos principais objetivos do golpe. Nada é por acaso. Nesse dia, houve uma grande passeata em Brasília até a sede do TSE para acompanhar o julgamento. O movimento foi representativo e plural, com a participação do NDD Margarida Alves e dos demais coletivos do setor progressista, partidos políticos, MST e militantes da democracia.

O golpe de 2016, a atuação ilegal do juiz Sérgio Moro e dos procuradores na Lava Jato e a decisão do TSE em relação a Lula selaram o destino do Brasil com a vitória de Jair Bolsonaro para a presidência do Brasil. Com a posse de Bolsonaro, o Núcleo em Defesa da Democracia Margarida Alves, em conjunto com outros coletivos e entidades e o Comitê Lula Livre DF, incorporou o Fora Bolsonaro em suas bandeiras. Continuou o trabalho pela libertação do Lula e apoiando os movimentos que, unidos, vieram a enfraquecer o governo Bolsonaro diante de suas ações contra o Brasil e os brasileiros.

Para os inoxidáveis do NDD Margarida Alves, que se defendiam dos ataques e xingamentos desde 2016, a mudança de humor das ruas começou a ser mais perceptível devido a dois fa-

tores: o desgoverno Bolsonaro e a divulgação da VazaJato pelo portal do *The Intercept*, em parceria com veículos de imprensa.

A partir de 9 de junho de 2019, começaram a ser publicadas as matérias sobre o conluio entre o juiz Sérgio Moro e os procuradores da Lava Jato, subvertendo o arcabouço jurídico do país para perseguir o ex-presidente. Foram mostradas, também, as mensagens trocadas em que o juiz orientava a acusação e dirigia os trabalhos, numa tabelinha prejudicial à defesa do acusado – o que tornou o processo totalmente suspeito. Foi exposto o empenho da organização pela eleição de Jair Bolsonaro e o uso da justiça para influir na sua vitória. Moro viria a se tornar ministro de Bolsonaro com a promessa de ser indicado a uma vaga no Supremo Tribunal Federal. E acabou sendo declarado juiz suspeito pelo STF.

O humor das ruas e das instituições começava a mudar.



Ato pelo Fora Temer, em 3 de julho de 2017.



Manifestação por Lula Livre, em fevereiro 2018.



NDD Margarida Alves pede Lula Livre, em frente ao STF, em 22/3/2018.



Atividade dos Inoxidáveis denuncia prisão injusta de Lula.



Reveillon com Lula - caravana a Curitiba, em 31/12/2018.



Ato em frente a sede da PF em Curitiba, em 27/10/2019.



A luta pela liberdade de Lula.



Campanha dos Inoxidáveis pelo direito da candidatura Lula presidente, em 2018.

4

Lula Livre com processos anulados

Mesmo preso por 580 dias, Lula nunca esteve só. À medida que o tempo passava, as pessoas foram compreendendo o que estava por trás dos acontecimentos. O movimento progressista foi se apropriando dos fatos, fazendo com que partidos políticos, sindicatos, associações, núcleos e coletivos se aglutinassem cada vez mais.

O Núcleo em Defesa da Democracia Margarida Alves (NDD), criado por militantes do Partido dos Trabalhadores do DF, apelidados de Inoxidáveis, continuava seu trabalho na Praça dos Três Poderes. Já havia assumido o caráter suprapartidário para o qual fora criado. O apoio das ruas começava a voltar aos poucos, com a substituição dos xingamentos por gritos de apoio e aplausos por quem passava nos ônibus lotados, nos carros ou caminhando em frente à praça. A realização dos atos semanais foi fundamental para isso, em consonância com os fatos políticos e os demais movimentos em cada estado.

Num banco de alvenaria da Praça dos Três Poderes, os integrantes do NDD Margarida Alves discutiam e decidiam sobre as ações a serem realizadas na semana seguinte. De uma forma simples e participativa, foram aprovadas as caravanas a Curitiba e a

São Bernardo, a realização de “Lulaços” nos shoppings da cidade, a manifestação no Ministério da Justiça, a lavagem da entrada do STF e a organização dos grandes atos na Praça, quando o Supremo pautava julgamentos importantes. Havia uma equipe encarregada de demarcar o espaço, produzir e posicionar as faixas, além de elaborar os cartazes que seriam utilizados.

Os “Lulaços”, por exemplo, ocorreram em dois shoppings de Brasília, no mês de setembro de 2018. O militante petista, Fabiano Leitão (trompetista), já participava dos atos semanais na Praça dos Três Poderes, onde, no encerramento, ocorria o “Boa Noite, Presidente Lula!”. Com o seu trompete, já conhecido pelas ações de invasão das transmissões televisivas, tocava o bordão “olê, olê, olê, olá, Lulaaaa, Lulaaaa!” todas as quartas-feiras, às 20 horas. Decidiu-se, então, realizar performances por meio dos “Lulaços”. A convocação dos participantes era feita pelo “boca a boca”. No horário do almoço, na praça de alimentação do shopping escolhido, todos aguardavam. Quando Fabiano começava a tocar o trompete, um grande coral se erguia de mesas espalhadas na praça de alimentação, entoando o bordão em favor de Lula. Os atos relâmpago surpreendiam os presentes e a direção dos estabelecimentos. E tinham grande repercussão.

Outro ato que surtiu efeito, inclusive com repercussão na mídia internacional, ocorreu em frente ao Ministério da Justiça, logo após o início da divulgação da Vaza Jato pelo portal *The Intercept*, dia 9 de junho de 2019. O NDD Margarida Alves e o Núcleo de Base Marisa Letícia do Congresso Nacional organizaram o evento para a hora do almoço. Levaram faixas e cartazes contendo as novas revelações sobre a atuação do então juiz Sérgio Moro, que ocupava o cargo de ministro da Justiça do governo Bolsonaro, que ajudara a eleger.

Outro fato que muita gente não sabe é que havia uma disputa por espaço quando o STF pautava julgamentos relacionados à defesa de Lula. Nesses momentos, o NDD Margarida Alves se preparava com antecedência. Apesar de a sessão do Supremo ter início às 14 horas, a equipe da organização chegava três horas mais cedo (os mais preocupados, pisavam o chão da praça nas primeiras horas da manhã) para que tivesse a chance de ocupar o melhor espaço à frente do Tribunal. Em seguida, chegavam os opositores, apelidados de bolsomínions, coxinhas etc. A convivência não era pacífica. Eles xingavam, diziam coisas sem sentido, roubavam faixas que, depois, eram resgatadas por militantes petistas. Sobre esses embates entre opositores e também com a polícia do DF, abordamos no próximo capítulo.

O dia sete de novembro de 2019 foi especialmente marcante. O STF realizou novo julgamento sobre a prisão em segunda instância, revendo sua posição anterior que serviu para a prisão de Lula. Por 6 a 5, decidiu que a prisão de réus somente poderia ocorrer ao final do processo – o que no jargão do direito significa “após o trânsito em julgado da ação”. O tribunal sinalizava seu retorno ao marco constitucional – do qual se desviara na esteira da operação Lava Jato e das ações que levaram ao Golpe de 2016. A decisão significava a libertação de Lula, ocorrida no dia seguinte, em Curitiba.

A Praça dos Três Poderes estava lotada de ativistas, famílias, jovens e adultos ansiosos. A organização havia disponibilizado microfone e caixa de som para que artistas cantassem, poetas declamassem e ativistas falassem. Entre discursos, músicas e poesias, os indígenas dançavam suas tradições, que também são nossas pelo desejo de preservá-las. Sem parar um minuto, os participantes levantavam as bandeiras, esticavam as faixas, faziam

transmissões para as redes sociais. E interagiam com quem passava no transporte público ou em seus automóveis.

Quando saiu a decisão, a emoção contagiou a todos e todas. Foi dia de festa! Finalmente estava sendo feita justiça! A alegria tomou conta. Havia lágrimas de sorrisos e fogos de artifício no céu de Brasília. O trompete soou três vezes por Lula Livre, acompanhado pelas vozes populares presentes na praça. Quando os telejornais deram a notícia, que significaria a liberdade de Lula, gritos de Lula Livre foram ouvidos em milhares de pontos pelo país. Uma espécie de alívio, de renovação e de esperança tomou conta da audiência que conhece Lula e sua história de vida.

Fabiano Leitão (trompetista) fala de sua emoção. “Eu lembro quando saiu a decisão do Supremo. Todo mundo na praça estava chorando, se abraçando, porque foi uma luta de muitas mãos, de muitas pessoas, de muito tempo”, disse. Para Nazaré Brito, secretária de Finanças do PT-DF, “a decisão renovou a esperança de a gente conseguir colocar a democracia nos trilhos”.

Lula foi solto no dia 8 de novembro de 2019 e falou para milhares de apoiadores de diversos partidos políticos no dia seguinte, num grande ato no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, transmitido pelas redes sociais. O mesmo lugar de onde foi levado, no dia 7 de abril de 2018, para a prisão em Curitiba. Os integrantes do NDD Margarida Alves participaram do evento. Nove ônibus partiram do DF, uma caravana organizada pelo Núcleo de Base Marisa Letícia e pelo NDD Margarida Alves, além do PCO.

A recepção a Lula foi um momento marcante. Segundo o coordenador do NDD, Raimundo Nonato, “foi a consagração de nossa luta. Nós sobrevivemos e resistimos a todos os temporais, por cima de pau e pedra, às agressões violentas dos bolsomínions,

assim como à truculência dos agentes da polícia. E agora temos Lula Livre!” disse.

A luta continuou na Praça dos Três Poderes em busca de novas decisões do Supremo em relação aos recursos de Lula e aos processos em andamento. No 8 oitavo de março de 2021, de uma forma inesperada, o ministro do STF, Edson Fachin, reconheceu a ilegalidade do foro de Curitiba para julgar os processos de Lula e anulou todas as sentenças. No dia 23 de março, a Segunda Turma do Supremo reconheceu a suspeição do ex-juiz em relação ao processo do triplex. No dia 15 de abril o Plenário do Supremo confirma decisão de Fachin e, no dia 22 de abril, a maioria decide pela suspeição do juiz Moro, anulando todo e qualquer ato realizado por ele em relação ao processo do triplex. Depois, essa decisão foi estendida aos demais processos pelo ministro Gilmar Mendes. Lula estava totalmente livre! O STF reconheceu o vício de origem, denunciado pela defesa, desde o início.

José Wilson, presidente do PT de Brasília, disse que “quando Lula foi solto e teve anuladas as sentenças contra ele, foi momento de euforia, de coroação de uma luta que parecia não ter fim”. Para Benoni Covatti, militante que ocupou diversos cargos no Executivo e no Legislativo, “os Inoxidáveis têm essa clareza de que a luta é eterna. Lutar pela democracia é convencer pessoas. Tivemos derrotas, mas não é para sempre”. Lula voltou ao cenário político e aparece em todas as pesquisas de opinião como um candidato competitivo, liderando a disputa ao Palácio do Planalto, nas eleições presidenciais de 2022.



NDD Margarida Alves participa de performance (flash mob) no aeroporto de Brasília, pelo direito de Lula concorrer às eleições de 2018.



Manifestantes interagem com população que trafega nos ônibus e automóveis, em março de 2019.



Ato por Lula Livre em frente ao STF – performance “Estátua Viva” de Sheila Campos, em 11/4/2019.



Participação indígena no dia em que STF começou a revisar decisão sobre prisão em segunda instância, em 17/10/2019.



A bandeira Lula Livre levada a Cuba pelos Inoxidáveis, em julho de 2019.



Jacy Afonso (PT-DF), Maria Fernanda (Comitê Lula Livre) e Raimundo Nonato (NDD Margarida Alves), em dezembro de 2019.



Líder do PT deputado Paulo Pimenta discursa na Praça.

5

Resistência, Solidariedade e Oração na Praça

Veza ou outra surgem políticos que acusam a esquerda de ser hostil em determinadas situações de enfrentamento. No entanto, a essência da esquerda brasileira é de solidariedade e compaixão com as causas populares e dos trabalhadores em geral. Não foi diferente no dia a dia do movimento liderado pelo Núcleo em Defesa da Democracia Margarida Alves (NDD), durante as manifestações na Praça dos Três Poderes e nas atividades desenvolvidas em outros espaços (é importante sempre lembrar a participação fundamental dos demais coletivos e entidades, a exemplo do Núcleo de Base Marisa Letícia, Comitê Lula Livre DF e partidos do campo democrático). Todo esse grupo enfrentou a oposição dos bolsonaristas e o abuso de poder da Polícia Militar do Distrito Federal. Houve várias tentativas de diálogo, socorro a adversários e até momento de oração na praça, em conjunto com ativistas evangélicos. Como escreveu o poeta português Fernando Pessoa: “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

O fato é que a militância do Partido dos Trabalhadores é reconhecida como uma das mais aguerridas - o principal patrimônio partidário na luta política e popular brasileira. A determinação

desses homens e mulheres, inoxidáveis, de manter as cabeças erigidas e remar contra a maré da ignorância política, levantar as bandeiras, defender o governo Dilma, o Lula Livre e a democracia, numa conjuntura adversa, fez muita diferença. Como fizeram diferença os milhares de comitês criados em cada estado e na maioria dos municípios do país.

Mas esse trabalho é complexo e exige coragem. Como foi o caso dos integrantes do NDD Margarida Alves, quando tiveram de enfrentar a Polícia Militar do DF na Praça dos Três Poderes. Todo mundo sabia do posicionamento hostil da PM durante o golpe contra o governo Dilma Rousseff. Mas os militares ficaram ainda mais agressivos após a vitória de Jair Bolsonaro. Eles pareciam proteger a claque bolsonarista pelo uso de tanta truculência contra os integrantes do NDD Margarida Alves. O fundador do PT de Santa Maria, Pedro Rodrigues, conta que houve até confronto físico com a polícia. “Eles queriam retirar as faixas em defesa do Lula Livre e não permitimos. Gritamos: não vai tirar”, explica como começou uma disputa que teve embate direto.

Os policiais usavam tanto gás de pimenta contra os militantes Inoxidáveis que eles chegaram a ironizar a agressão. O servidor aposentado do Governo do Distrito Federal (GDF), Orlando Ribeiro, fala da injustiça de tratamento da PM quando os militantes do NDD Margarida Alves eram agredidos pelos bolsonaristas. Ao invés de as forças policiais reprimirem os agressores, atacavam os agredidos com *spray* de pimenta. Eles chegaram a cunhar uma palavra de ordem: “Ei, polícia! Joga mais, esse gás é uma delícia!” Ironias à parte, o caso é sério. Num desses embates com a PM, a militante Fátima de Deus foi parar no hospital. “Eu engoli gás de pimenta, tive uma reação alérgica e fui internada. Até hoje tenho muita dificuldade com o cheiro do gás”, disse. Fátima contou que a polícia do DF monito-

rava todas as ações do NDD na Praça dos Três Poderes, enquanto os blogueiros bolsonaristas filmavam e fotografavam o movimento num gesto de intimidação. “Apesar de tudo, a gente sentia que vinha crescendo o apoio e poder de aglutinação, devido a nossa postura, coerência e persistência, desde o início”, analisa.

A persistência do movimento é algo que merece acréscimo de linhas. O NDD Margarida Alves começou com atos em frente ao Palácio do Planalto, sempre às segundas. Depois passou a realizar manifestações em frente ao STF, às quartas-feiras. Os atos aconteciam o ano todo, fosse dia de sol ou chuva, de frio ou calor extremo. Para quem não conhece o clima de Brasília, é importante dizer que há momentos de intenso calor de até 37°C, combinado com umidade abaixo de 12% - coisa de deserto. Em outro período, verificam-se temperaturas abaixo de 10°C, e ainda momentos de muita chuva. Nos meses de novembro e dezembro, o DF ultrapassa 220 milímetros de chuva chegando a 272 milímetros de precipitação.

A presença dos Inoxidáveis na praça era tão certa, que um vendedor ambulante passou a se organizar em função do clima. Sempre que chovia, ele apresentava as capas de chuva. Vendia tanto, que passou a seguir os manifestantes em agendas programadas em outros espaços, sempre oferecendo artigos de necessidade para cada ocasião.

As fortes chuvas também promoveram um encontro inusitado entre os militantes do NDD Margarida Alves e os bolsonaristas. Os dois lados disputavam o melhor espaço em frente ao STF, em função de julgamento pautado sobre a prisão do Lula. Do céu, desabou uma tempestade. Os dois lados foram levados a dividir o abrigo de um dos monumentos existentes na Praça dos Três Poderes. Enquanto aguardavam a estiagem, alguém do lado ad-

versário chamou o “pastor”, dentre eles. E daí ocorreu o seguinte diálogo protagonizado pelo militante do NDD, Pedro Rodrigues, fundador do PT de Santa Maria:

— [Surpreso] Tem pastor aqui? – perguntou imediatamente Pedro Rodrigues, ao ouvir a invocação do pastor dentre os adversários políticos.

— Tem sim – um homem se apresentou, dizendo que havia feito doutorado na Inglaterra.

— Pastor, vamos orar?

— E petista ora?

— Vamos orar e o que não houver concordância do seu espírito, o senhor fica calado.

O petista Pedro Rodrigues passou a entoar uma oração de improviso. Segundo ele, durou aproximadamente 25 minutos. Depois disso, um dos adversários mais agressivos pediu perdão pelos xingamentos anteriormente dirigidos ao Pedro Rodrigues e ao Fabiano Leitão (trompetista). Nesse dia, além da oração e dos pedidos de desculpa, houve até abraço. O clima melhorou em todos os aspectos.

A solidariedade e a compaixão são características do movimento de esquerda no Brasil e no mundo. Quando o NDD Margarida Alves realizava um ato em frente à Procuradoria Geral da República, um entregador de aplicativo passou xingando os participantes. Mas, ao se desconcentrar, a moto derrapou e ele foi ao chão. O grupo correu para socorrê-lo da queda, quando o motoqueiro pensava que seria agredido. O relato de Fabiano Leitão faz referência à situação degradante dos trabalhadores vinculados a aplicativos, sem carteira assinada, semi-escravos, explorados pelas plataformas que exigem o uso de motos, carros ou bicicletas, sem qualquer ajuda financeira. Ganham quase nada, arcam com

os custos e não têm direitos trabalhistas. “A gente sabe distinguir os nossos reais inimigos”, conclui.

A militância petista, certamente, tem muitas histórias para contar nos quatro cantos do país. Antes de ser conhecido como “o trompetista” e de integrar o NDD Margarida Alves, Fabiano Leitão foi captado pelo link de transmissão da Rede Globo. Por decisão pessoal, ele postou-se atrás do repórter e gritou “Globo Golpista”, exatamente no dia em que Dilma foi destituída da Presidência da República, em 31 de agosto de 2016. A entrada do trompete ocorreu após a prisão do ex-presidente Lula. “Eu fico de longe e o trompete explode porque é muito alto”, diz Fabiano que contabiliza 24 transmissões da emissora invadidas pelo bordão “olê, olê, olê, olá, Lulaaaa, Lulaaaa!”, executado no trompete. Fabiano fala que a missão foi “colocar o Lula na pauta porque ele sempre foi escondido na tv. Era uma forma de despertar a militância”, explica. Ele chegou inclusive a participar de invasões maiores e mais criativas. Quando o Bom Dia Brasil entrou no ar, ao vivo, o grupo de militantes abriu uma faixa enorme pelo Lula Livre, no gramado da Esplanada dos Ministérios. Enquanto isso, Fabiano transmitia sua mensagem pelo trompete, lembra Cláudia Regina, coordenadora do Núcleo de Base Marisa Leticia do Congresso Nacional e integrante do NDD Margarida Alves.

Mas, de onde surgiram tantas ações? O que faz com que a militância se mantenha firme, atuante e de cabeça erguida? De onde vem a resistência e a disposição para continuar a luta, quando tudo parece estar perdido? Por que a deposição da primeira mulher, eleita democraticamente para o segundo mandato na Presidência da República, não trouxe o desânimo e a imobilidade geral? Por que a prisão de Lula aglutinou as forças progressistas em busca de uma solução?



Ato na sede do Ministério Público, em 17/7/2019.



Turma chegou cedo para o jogo Fluminense e Inter no Mané Garrincha, em 23/3/2016.



Debaixo de sol ou chuva, os Inoxidáveis ergueram as bandeiras, em dezembro de 2019, por Lula totalmente livre.



João Pedro Stedile (MST) na vigília do STF por Lula Livre, em agosto de 2018.



Performance com guarda-chuvas pede anulação dos processos contra Lula, em 11/10/2020.



Na embaixada da Venezuela, Inoxidáveis agradecem pelo oxigênio enviado a Manaus, em socorro às vítimas da Covid - 19/1/2021.

6

Movimento inspirador

Quem conhece o Partido dos Trabalhadores sabe que uma de suas principais características é a pluralidade de ideias e movimentos – todos fundamentais na construção de propostas, por meio de debates. Os “Inoxidáveis” fazem parte desse processo. Quando todos estavam inquietos, alguns surpresos e confusos com o uso político dos protestos de junho de 2013 para atingir a presidenta Dilma Rousseff, eles já começavam a se mexer. A percorrer ministérios, a conversar com pessoas, a perceber que aquilo poderia vir a desembocar em algo maior. Apesar da reeleição de Dilma Rousseff e de sua posse, em 2015, eles enxergaram os movimentos conspiratórios em andamento. Os Inoxidáveis, que se reuniam sempre em horários de almoço ou após o expediente, ficaram tão incomodados que decidiram formalizar algo que fosse suprapartidário na busca de dar conta da realidade conspiratória das elites endinheiradas do país com (nada mais, nada menos!) o vice-presidente Michel Temer (MDB-SP). O Núcleo em Defesa da Democracia (NDD) Margarida Alves foi criado após discussões ocorridas ao final de 2015, antes da aceitação do processo de impeachment pelo então presidente da Câmara dos

Deputados, Eduardo Cunha. O grupo começou a aglutinar maior número de pessoas de outros partidos, núcleos e movimentos a partir de suas próprias ações e pela presença organizada, constante e persistente na Praça dos Três Poderes, desde março de 2016. O objetivo inicial foi defender o mandato popular da presidenta Dilma Rousseff, mas isso foi só o início. Nessa época, eles não eram conhecidos como “Inoxidáveis”.

Após a leitura dos cinco capítulos anteriores, você já deve ter concluído sobre o significado do nome para esse grupo de ativistas. Segundo o dicionário, o termo representa algo que não sofre oxidação; incapaz de enferrujar, de criar ferrugem. Logo, se pode associar àqueles militantes mais experientes, de maior acúmulo de lutas e, por consequência, de cabelos prateados. Esse conceito surgiu como uma brincadeira, quando um blog de direita usou do deboche para falar mal do grupo que se manifestava na Praça dos Três Poderes. Apesar de serem todos e todas muito experientes na luta partidária, na vivência de emoções no contato com a população, nem todos eram aposentados. Desde o início, o NDD Margarida Alves também contou com a participação de pessoas da ativa, de jovens a idosos. Todos com muita vontade de contribuir com a luta.

Os Inoxidáveis podem ser definidos como um grupo de militantes que “verga, mas não quebra”. Que tem uma resistência capaz de sofrer com as intempéries do ambiente político, mas que se mantém de pé, de cabeça erguida e com a disposição de enfrentar o cenário, por mais adverso que seja. E antes que alguém peça a palavra, é bom registrar que os Inoxidáveis são apenas um exemplo desse perfil de militância que existe em todo o país. Pessoas de todos os gêneros, orientação sexual, raça, crença e faixa etária que demonstram a mesma disposição,

nos mais diversos ambientes de trabalho, em suas comunidades e nas instâncias partidárias.

Essa força interior e a leitura política sobre o que estava acontecendo nutriram a esperança e fizeram com que eles e elas não desistissem de tudo a cada derrota – como foram a perda do governo popular da presidenta Dilma Rousseff e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A certeza de estar do lado certo da história, o acúmulo de lutas, o vínculo de construção das diversas políticas públicas e o conhecimento do que havia sido feito pelos governos petistas foram fundamentais para seguir em frente.

Pedro Rodrigues, fundador do PT Santa Maria, resumiu sua experiência dizendo que “a praça foi a maior universidade de formação política dos últimos anos”. Ele sabe que a luta continua. Apesar das contingências impostas durante a pandemia, o NDD Margarida Alves persistiu em atividade, participando de todas as manifestações pelo “Fora Bolsonaro” e em defesa da democracia.

O Núcleo em Defesa da Democracia virou uma referência de luta no Distrito Federal. É por isso que gostaríamos de homenagear todos aqueles que, de alguma forma, participaram das manifestações. Diante da impossibilidade, faremos isso a partir dos militantes que mais se destacaram na luta (veja lista no final).

E foi nesse tom de homenagem mútua e de agradecimento que um grupo de aproximadamente 30 Inoxidáveis do Núcleo em Defesa da Democracia Margarida Alves (NDD) foi recebido pelo ex-presidente Lula.

A temperatura estava alta no Distrito Federal – os termômetros chegaram a 33°C, na sexta-feira, 8 de outubro de 2021 – último dia de uma semana de debates, conversas e contatos políticos realizados por Lula na capital federal. Os Inoxidáveis foram recebidos pelo ex-presidente às 9h15, num clima de reconhecimento

pela luta realizada, pela pedreira que ajudaram a quebrar e, sobretudo, pela esperança que se descortina no país e que, certamente, impulsionará novos movimentos Inoxidáveis em todo o país.

Além de Lula, participaram da audiência a presidenta do PT Gleisi Hoffmann, o presidente do PT-DF Jacy Afonso e o ex-ministro Gilberto Carvalho. O coordenador do NDD Margarida Alves, Raimundo Nonato, relatou ao presidente a alegria daquele encontro após tantos anos de luta na Praça dos Três Poderes e nas manifestações de rua. “Enfrentamos o sol, a chuva, a fúria dos bolsominions e a repressão da polícia; tudo em defesa da democracia, do Lula Livre e contra o golpe de 2016. Não arredamos o pé porque sabíamos que estávamos no lado certo da história”, disse. Lula ouviu atentamente, elogiou a postura aguerrida do grupo, agradeceu pela confiança em sua inocência e contou que estava disposto a continuar na resistência. “A militância do PT é uma coisa extraordinária. Se não fosse a militância eu não sei o que seria do partido.” Lula pediu que a militância nunca abandone os símbolos. **“Não tenham medo de sair com a estrela vermelha. É preciso dar visibilidade constante a nossa luta”**, disse Lula. Uma luta que é do PT, dos partidos progressistas, dos coletivos democráticos e dos movimentos sociais.

Foi um dia histórico. Quente e vibrante de afeto, carinho, estímulo e esperança.



Atos semanais do NDD Margarida Alves e coletivos progressistas por Lula Livre, em dezembro de 2018.



Manifestação com o Lulão em frente ao STF, em outubro de 2019.



Coordenador Raimundo Nonato (NDD Margarida Alves) fala ao ex-presidente Lula durante audiência, em outubro de 2021.



Inoxidáveis participam de ato em Curitiba, na sede da PF, em 27/10/2019.



Lula recebe representantes dos Inoxidáveis em outubro de 2021, e agradece pela luta.

7

Inoxidáveis

Abaixo, a relação de companheiros e companheiras que se dedicaram na organização e, principalmente, tiveram presença constante nas vigílias semanais da Praça dos Três Poderes. Com estas citações, pelo nome de guerra, homenageamos a todos e todas que, de alguma forma, contribuem com o Núcleo em Defesa da Democracia:

Adevaldo, Agatha, Alfredo(UP), Ana Bicalho, Ana Saraiva, Andreza, Bete Ramos, Beth Galvão, Benildes, Benoni, Bruno, Cacau, Camila Tenório, Cartaxo, Cilidia, Claudia Regina, Darly, Deusanir, Di Lucio, Dora, Edna, Edson, Elenize, Eliseu, Élsio, Elzevir, Fabiano Leitão, Fábio Oliveira, Fátima de Deus, Fenelon, Flávia Rodrigues, Francisco Neri, Gecina, Gilberto Carvalho, Hudson Cunha, Humberto, Inês Bettoni, Inês Ulhoa, Irene, Isa, Jacy Afonso, Jesser, Jessica, Jô, Joãozinho da Vila (em memória), Joaquim, Joca, Julimar, Kathia Garcia, Klebão, Lêda Freitas, Lene, Leninha, Linda Abadia, Luizão, Lunguinho, Lurdinha, Marcão, Márcia Kummer, Maria Fernanda, Maria Júlia, Márcio Apolinário, Mariana Rosa, Marília, Mariza Borges, Marília, Marlene, Na-

zaré Brito, Orlando Ribeiro, Paulinha, Pedro Rodrigues, Pietra, Pireli, Rafael Fernandes, Rafael, Raimundo Nonato, Renan, Ricardo Valle, Ricardo, Rita, Rodrigo Pilha, Rodrigo Rodrigues, Samuel, Sessé, Socorro Leitão, Sheila Campos, Socorro Sales, Sônia, Sueli Mendes, Tércio, Thelma, Tolentino, Walmor, Walter Matos, Wert, Wlamir, Zé Carlos, Zé Cesar, Zé Wilson, Zezé Weiss, Zuleide Sertão e Zuleika.

Entrevistados

Meu agradecimento aos ativistas Inoxidáveis entrevistados para a realização deste trabalho.

Benoni Dias Covatti

Cláudia Regina Vieira Lima

Fabiano Leitão

Jacy Afonso

José Wilson

Maria de Fátima Santos de Deus

Nazaré Brito

Orlando Ribeiro de Sousa

Pedro Rodrigues

Raimundo Nonato

Siga o autor

Instagram: franze.ribeiro

Facebook: Franze Ribeiro

Sobre o autor

Franzé Ribeiro é jornalista, formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará. É militante histórico do Partido dos Trabalhadores.

Dirigiu a área de Comunicação Social do Ministério da Previdência Social, durante a gestão do ministro José Pimentel (PT-CE), no governo Lula 2. Coordenou a Comunicação



do parlamentar petista por 24 anos, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Trabalhou também no Banco do Brasil, na Embrapa e nos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras bancários, eletricitários e previdenciários.